

Ser(tão) Severino

Fernanda Rodrigues Galve

Todos nós devemos como indivíduos construir nosso tempo e habitá-lo. A nossa existência, nossa História se constitui de vivências e experiências. O poeta João Cabral de Melo Neto, soube muito bem *Habitar o tempo*.

A partir da leitura da obra mais conhecida de João Cabral de Melo Neto- *Morte e vida Severina – Auto de Natal Pernambucano* de 1954 - inferimos a noção de que este poema dramático percorre o curso do rio da vida severina e nos leva a refletir sobre questões sociais e históricas que procuram levantar um retrato das condições e dos problemas sociais do homem nordestino. Como o próprio poeta esclarece :

“Maria Clara Machado, que dirigia o Tablado, me pediu um auto de Natal, o que não possibilita nenhuma originalidade. Qual é a obsessão de todo nordestino? O problema do retirante(...)”¹

João Cabral no processo de produção de sua poesia, preza o seu mundo, sua realidade e as suas raízes. Para Cabral : "O poema é o eco, muitas vezes imediato da experiência. O poema traduz a experiência, transcreve e transmite".² Com este eco, o poeta constrói uma poesia crítica onde a composição é planejada de fora para dentro, como uma casa. O universo das palavras na poesia possibilitam significados, coerência ao mundo. Os poemas de João Cabral voltam-se para o universo dos objetos, das paisagens, dos fatos sociais e culturais.

O tempo nos remete a processo, organização, controle, ritmo. Através deste tempo finíssimo, transparente é que percorre a História, a Cultura. O tempo é preenchido com a matéria viva, o homem, que deve habitá-lo. Assim:

“Ler a realidade pelo poema é sempre refazer a História. Por isso, metalinguagem e História em sua obra, interpenetram-se tão fecundamente. A historicidade de sua poesia está sempre apontando para dois espaços fundamentais, isto é, o de sua circunstância social e histórica”.³

Para o poeta, o tempo pode ser sentido em sua amplitude, ao utiliza-se da substância viva e física que possui a vida. Tempo que passou, correu e se depositou. A história e as suas formas lidam com estas memórias, que enquanto temporalidade remetem a construção do discurso que utiliza o fato pela “lapidação do evento”.⁴

A palavra poética tenta entender a natureza do tempo que articula arranjos próprios para a sua construção. A obra de João Cabral, não se desfaz, um só momento, de uma intensa historicidade. Assim, a História (pluralidade de formas) mergulha no universo da palavra poética.

A poesia em si já é multidimensional e para sua construção constitui-se de pensamento, imagem e ritmo próprios que se interligam como raízes de uma mesma árvore. Essa árvore possui o mesmo tronco, o mesmo saber, que com o passar da história constitui-se de valores, consciência e anseios em eterna transformação. Em seus ramos guarda as lembranças, crenças e esperanças que são mutáveis e se renovam a cada nova estação, como a poesia.

O uso da palavra transforma a História. A palavra literária tenta entender a natureza do tempo que articula arranjos próprios para constituir um tempo histórico. Em João Cabral, “o real se representa mais enquanto evento do que enquanto sistema”.⁵

A junção entre História e Literatura, demonstra uma nova forma de leitura e uma inter-relação que produzem um aspecto construtor necessário para o estudo de uma obra literária. Pode-se argumentar como um novo olhar sobre a História, que possibilita “uma constituição de novos territórios do historiador através da anexação dos territórios dos outros”.⁶

Da integração resulta, sobretudo um modo de ligação com uma realidade histórica, e simultaneamente uma forma de reconhecer as diferenças do pensamento na organização de linguagem dado pelo autor. A palavra poética possui relações densas com os tempos sociais, portanto reflete a História.

Para a compreensão da poesia é necessário conhecer qual a História produtiva que possui o poema, pois individualmente a poesia em si já é multidimensional e para sua construção constitui-se de pensamentos, imagens e ritmos próprios que se interligam.

João Cabral de Melo Neto é um homem pernambucano, sensível, informado e ao mesmo tempo universal. Ele consegue transcrever em sua poesia o exercício rigoroso do trabalho com a palavra que busca a crítica social através do seu olhar no mundo. Para o autor:

“*Morte e Vida Severina* é minha experiência de infância, que guardo na memória e que nunca sai da cabeça, sobretudo quando estava fora. O poema é o material de qualquer nordestino, é a reflexão sobre a realidade, sem outro compromisso que não seja com a verdade”.⁷

A experiência é lapidada para a construção da poesia, do evento e do fato. Como ele próprio define: “Minha poesia é um esforço de presentificação, de coisificação da memória”.⁸ Ele apanha no passado o que é necessário e apresenta uma História crítica da sociedade no agora.

O poeta apresenta em seu trabalho - *Morte e Vida Severina* - argumentos e evidências do que observou em sua vida, são numerosos os elementos integradores da temática nordestina nesta obra. A começar pela presença do rio, do sol, a seca, o homem, a fome, o canavial, os engenhos, a cidade e a religiosidade.

A idéia de que o rio simboliza a força criadora da natureza e do tempo, adicionada, ainda, à fertilidade e à irrigação da terra, em João Cabral cresce de tal maneira as várias

imagens que inundam o poema *Morte e Vida Severina* que estão ligados ao guia de viagem do retirante Severino, o rio Capibaribe.

O rio Capibaribe foi essencial para o desenvolvimento do Recife, além de ser grande fonte de inspiração para o poeta João Cabral de Melo Neto. Em sua obra transparece a vida deste grande rio unido com a sua e do próprio homem Severino. O poeta reencontra –se no Sertão, no Agreste, no seu Recife e procura denunciar e criticar o que enxerga mais claramente nas vivências sociais nordestinas.

Este rio intrigante, na obra serve de caminho e de cenário. Nesta região o homem que a habita possui o nada e a sua história assemelha-se com a do rio, que com água pouca, sua vida esta sempre por um fio. Como a grande maioria dos rios do Sertão nordestinos, o Capibaribe, na época da seca, seu leito confunde-se com a paisagem.

O poeta João Cabral está preocupado com a História de seu povo nordestino, que habita o seu tempo. Demonstra assim uma crítica as diferenças sociais, através do discurso do retirante, Severino que assiste a tudo e questiona a vida e ou a morte.

João Cabral é um poeta que só trabalha “em ferro forjado”.⁹É o pedreiro do verso, aquele que domina a matéria. A busca da razão na poesia não se restringe a uma poesia da razão, mas envolve uma ética da solidariedade que é identificada com um movimento de mais profundo e por isso difusa religiosidade.¹⁰

O rio Capibaribe conduz ao tempo do reencontro, liga o campo a cidade, do rural ao urbano, da nascente ao mar. Rio identificado como o homem, como nordestino retirante que tem uma sina a cumprir. Rio que nasce pequeno, cresce pensando que é grande e morre gigante pois encontra o seu destino, o oceano.

O rio é o começo, é o caminho, a ponte para a esperança, é o que re-liga o homem a sua vida. Local de vida e de morte; início e de fim. É o nosso grande guia para esta trama de História poética, de crítica social que é habitada por todos nos e representada pela imagem de Severino.

Deve-se entender a poesia como habitar do tempo, da sociedade e da arte. A poesia na sociedade funciona como troca recíproca tanto para poetizar a vida social ou socializar a palavra poética.

Mudança da sociedade em poema vivo e do poema em vida social e em imagem. A representação do social passa, necessariamente, pelo imaginário individual para o coletivo. O poema é vida produtiva, ativa, sensível e tem um papel fundamental como um documento que além de registrar temporalidades, nos falar ao coração através do uso da palavra.

Podemos entender assim, como o poeta é figura central, uma vez que com o seu trabalho engenhoso constrói e apresenta identidades sociais. O poema é um produto de uma ação criadora que problematiza o real. Otávio Paz diz: "que através da poesia revela -se um mundo e cria-se outro".¹¹

Enfim, deve-se ler o poema de João Cabral junto com a realidade social, econômica, política e cultural desta região marcada pela miséria. Através desta união pode-se entender a realidade identificada com o cotidiano do povo nordestino e nos permite, dessa forma, uma leitura que religue a obra poética com a História.

¹ STEEN, Edla van . *Viver e escrever*, v.1, Porto Alegre, L&PM, 1981.

² OLIVEIRA, Erson Martins de. *João Cabral de Melo Neto a poética da objetividade*. Dissertação de Mestrado PUC-SP, 1992.

³ BARBOSA, João Alexandre. Balanço de João Cabral de Melo Neto. In: *Ilusões da Modernidade: notas sobre a historicidade da lírica moderna*, São Paulo, Perspectiva, 1986, p107-37.

⁴ LE GOFF, Jacques (org.). *História novas abordagens*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1988.

⁵ SECCHIN, Antônio Carlos (1985). *João Cabral: A poesia do menos*. São Paulo, Duas Cidades; Brasília, INL, Fundação Nacional Pró-Memória , p117.

⁶ CHARTIER, Roger. *A história cultural entre praticas e representações - Memória e Sociedade*, DIFEL, 1996.p.14.

⁷ O Popular, 2º Caderno, Goiânia, 22 dez. 1981.

⁸ Caderno de Literatura Brasileira. Instituto Moreira Salles. número 1, março de 1996.

⁹ BOSI , Alfredo . *O ser e o tempo da poesia*. Cia. das letras, São Paulo 2000.

¹⁰ WALDECY, Tenório. *A bailadora Andaluza*, Ateliê , editorial Fapesp.

¹¹ PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Rio de Janeiro: nova Fronteira, 1982.